

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Correio do Povo

Class.: 25

Data: 03.12.68

Pg.: _____

EXPEDIÇÃO TRUCIDADA: Correio do Povo 3/12/1968

Govêrno dará pensão às famílias dos que foram mortos no Amazonas

RIO, 2 (CP) — As famílias dos integrantes da expedição do Padre Calleri, massacrados pelos índios Atoaris, terão pensão vitalícia da União. A pensão será para as famílias dos que não eram funcionários públicos ou autárquicos, nem pertenciam aos quadros da Fundação Nacional do Índio.

Nesse sentido, o ministro do Interior, gen. Albuquerque Lima, já determinou a Consultoria Jurídica do Ministério do Interior urgência na elaboração da minuta de projeto-de-lei, para que o Presidente da República o encaminhe ao Congresso Nacional, concedendo pensões vitalícias às famílias dos expedicionários desaparecidos. Isto já aconteceu uma vez tendo a lei específica sido sancionada este ano — quando, numa expedição aérea a Cachimbo, onde atualmente os Vilas Boas estão pacificando os Kran-A-Kore, morreu um índio que não pertencia aos quadros do extinto SPI, mas lhe prestava serviços.

Oito corpos já putrefatos, de integrantes da expedição do Padre Calleri, foram resgatados sábado de manhã por equipes de PARA-SAR, numa clareira situada a 700 metros da maloca dos índios Atoaris. O corpo de um expedicionário que falta, dos dez que compunham o grupo (um debandou), não foi encontrado no local e será procurado hoje.

Os corpos estavam às margens do rio Santo Antônio, amarrados, dois juntos e os demais separados, e apresentavam sinais de violência, com grande número de ossos partidos. Os cadáveres das duas mulheres foram reconhecidos pelos cabelos compridos. Outro corpo que apresenta uma prótese de ouro no maxilar, acredita-se seja o do padre Calleri, chefe da expedição.

Envoltos em sacos plásticos, os cadáveres foram levados para Moura. Hoje, um "catalina" os transportará para Manaus.

Chuvas torrenciais nos últimos dias provocaram interrupções nas buscas realizadas pelo PARA-SAR para o resgate da expedição, dada como perdida há dois meses, desde que cessaram as comunicações que se faziam pelo rádio.

A interrupção das buscas realizadas foi comunicada ao FUNAI, onde sertanistas experimentados ainda ontem duvidavam da hipótese de terem os expedicionários sido chacinados. Quando ocorrem massacres — explicam — geralmente são deixados vestígios que facilitam as buscas. No caso da expedição do Pe. Calleri foram encontrados no início das buscas apenas peças de roupas, o que poderia significar que os expedicionários tentavam deixar pistas, na hipótese de serem procurados.

Cartas encontradas em um saco que o sertanista Alvaro Paulo da Silva deixou no barco que o trouxe, ao fugir do local da chacina, acredita-se poderão fornecer pistas sobre o que ocorreu realmente com a expedição.

O sertanista, que chegou de barco a Itaguaciara, é o único sobrevivente da expedição. Quando chegou àquela cidade, abandonou no barco um saco contendo uma espingarda calibre 20 e vários objetos e roupas da expedição, além das cartas.

O saco foi achado por um repórter do jornal "A Crítica", de Manaus, que o entregou às autoridades que comandam as bus-

cas, havia ali duas calças, duas camisas, meias novas e meia dúzia de cortes de fazenda, entre outros objetos.

Quando prestou depoimento aos militares da FAB, no mesmo dia que chegou, o sertanista não falou sobre o saco e seu conteúdo. Inclusive mentiu, afirmando que o cano de sua espingarda partira em dois quando atirara num animal.

Os militares da FAB vão interrogar Alvaro novamente. O sertanista está em Moura, que

serve de base avançada para as buscas, mas deverá ser removida para Manaus a qualquer momento. Também será interrogado Sebastião Alencar, dono do barco que levou o sertanista a Itaguaciara. O barco era ocupado por geógrafos, que recolheram Alvaro no rio Atumã, onde ele estava perdido.

Sebastião, o dono do barco, foi também quem levou a expedição até as proximidades da maloca queimada, onde o padre e seus companheiros acamparam.